

O QUE APRENDI COM AS VIDEIRAS

O QUE APRENDI COM AS VIDEIRAS

O caminho para uma vida frutífera

BETH MOORE

Traduzido por Angela Tesheiner

MC
mundocristão

Copyright © 2020 por Beth Moore
Publicado originalmente por Tyndale House Publishers,
Carol Stream, Illinois, EUA.

Os textos bíblicos foram extraídos da *Nova Versão Transformadora* (NVT), da Editora Mundo Cristão, sob permissão da Tyndale House Publishers, salvo as seguintes indicações: *Almeida Revista e Corrigida* (RC) e *Almeida Revista e Atualizada*, 2ª ed. (RA), ambas da Sociedade Bíblica do Brasil; *Nova Versão Internacional* (NVI), da Bíblia Internacional; *A Mensagem* (MSG), de Eugene Peterson, publicada no Brasil pela Editora Vida.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19/02/1998.

É expressamente proibida a reprodução total ou parcial deste livro, por quaisquer meios (eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação e outros), sem prévia autorização, por escrito, da editora.

CIP-Brasil. Catalogação na publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ
M813q

Moore, Beth, 1957-

O que aprendi com as videiras : o caminho para uma vida frutífera / Beth Moore; tradução Angela Tesheiner. - 1. ed. - São Paulo : Mundo Cristão, 2021.
304 p.

Tradução de: Chasing vines
ISBN 978-65-86027-84-6

1. Vida espiritual - Cristianismo. 2. Viticultura na Bíblia. 3. Formação espiritual. 4. Crescimento espiritual. I. Tesheiner, Angela. II. Título.

21-68795

CDD: 248.4
CDU: 27-584

Edição
Daniel Faria
Revisão
Natália Custódio
Produção e diagramação
Felipe Marques
Colaboração
Ana Luiza Ferreira
Capa
Rafael Brum

Publicado no Brasil com todos
os direitos reservados por:
Editora Mundo Cristão
Rua Antônio Carlos Tacconi, 69
São Paulo, SP, Brasil
CEP 04810-020
Telefone: (11) 2127-4147
www.mundocristao.com.br

Categoria: Inspiração
1ª edição: maio de 2021



*Para Amanda e Melissa,
minhas amadas filhas,
meus amores,
minhas melhores amigas,
minhas companheiras favoritas de viagem —
por causa da Itália.*



Sumário

<i>Introdução</i>	9
PARTE I: O VINHEDO	
1. Planta	19
2. Local	28
3. Uvas	43
PARTE II: O LAVRADOR	
4. Canção	57
5. Inspeção	74
6. Colinas	93
7. Pedras	106
PARTE III: A VIDEIRA	
8. Videira	123
9. Permanecer	136
10. Poda	152
11. Treliça	166
PARTE IV: O FRUTO	
12. Solo	181
13. Raízes	201
14. Ar livre	215
15. Adubo	227
16. Praga	234

PARTE V: A VINDIMA

17. Colheita	247
18. Recolhimento	260
19. Banquete	278
<i>Epílogo</i>	292
<i>Agradecimentos</i>	295
<i>Notas</i>	300

Introdução

Depois de décadas de vida e ministério entre miríades de pessoas, aprendi que *todos nós queremos ter relevância*. O desejo de ser relevante não distingue as pessoas. Homens ou mulheres, adultos ou crianças, religiosos ou não, ricos ou pobres, negros, pardos, ou brancos — essa ânsia está costurada com fios permanentes ao tecido de cada alma humana.

O grande alívio é descobrir que essa esperança não é postergada. Você é relevante — já, neste momento — sem realizar uma única mudança. No entanto, tudo muda no momento em que permitir que o Criador lhe mostre por que você é relevante e como ele toma tudo que lhe diz respeito para, mais cedo ou mais tarde, aqui ou ali, de forma sutil ou drástica, tornar tudo isso relevante.

Fomos criados para contribuir, concebidos para oferecer quem somos e o que temos à mescla humana a fim de lhe acrescentar alguma dose de benefício. Isso era verdade até no paraíso imaculado do Éden. Deus ordenou a Adão e Eva, em outras palavras: *Acrescentem algo! Cultivem a terra! E, vocês dois, sejam férteis e se multipliquem. Povoem a terra!*

Jesus elevou esse conceito a outra estratosfera ao tomar indivíduos a quem havia oferecido vida abundante e, pelo poder do próprio Espírito Santo, tornar as contribuições deles

relevantes, não apenas de forma temporária, como fez com Adão e Eva, mas eterna.

Quando vocês produzem muitos frutos, trazem grande glória a meu Pai e demonstram que são meus discípulos de verdade. [...] Vocês não me escolheram; eu os escolhi. Eu os chamei para irem e produzirem frutos duradouros, para que o Pai lhes dê tudo que pedirem em meu nome.

João 15.8,16

Essa ideia de que nossa vida tem relevância vêm me perseguindo desde minhas primeiras lembranças, mas hoje, ao me aproximar cada vez mais da linha de chegada, o conceito praticamente me assombra. Quando chegar ao fim da vida, quero saber que ela teve significado. Quero saber que minha vida, com todos os solavancos no caminho, foi relevante.

Se você sente o mesmo, não somos apenas nós: Deus também quer que nossa vida tenha relevância. A intenção dele é que sejamos profundamente frutíferos. Esse nosso desejo de contribuir, de fazer algo proveitoso, não é só um sonho egocêntrico. Ao seguirmos Jesus, é isso que podemos esperar da vida.

E ser frutífero não é um dever insípido e banal. É algo que afeta de modo direto nossa felicidade, pois o envolvimento naquilo que Deus realiza é a única atividade que nos dá satisfação e paz verdadeiras. Deus está invadindo o planeta com o evangelho de Cristo, buscando pessoas de todas as línguas, tribos e nações, oferecendo-lhes vida, fé, amor, esperança, salvação, alegrias e um futuro eterno em que ele governa como Rei. Nada do que acontece no mundo é mais significativo ou emocionante. E, à medida que damos frutos, participamos disso tudo.

Sei como é temer não ser visto. Sei como é recear ser inútil. Sei como é fácil sentir-se sem talentos numa sociedade movida pelo talento. Se for como eu, você se sente ansioso por contribuir. Anseia por ser relevante. E quer saber de uma coisa? Você é.

Você não precisa se contentar em apenas fazer algo. Em Cristo, você consegue tornar esse algo relevante.

+ + +

Apaixonei-me pelo ensinamento de Cristo sobre a videira e os ramos desde que iniciei meus estudos sobre a Bíblia, e venho ensinando há pelo menos vinte anos que o chamado dele à fecundidade é uma parte essencial para se obter satisfação na vida. O que há de espetacular nas Escrituras, porém, é que — como nenhum outro livro tocado por mãos humanas — sua tinta talvez esteja seca, mas não é de forma nenhuma algo morto. As palavras permanecem vivas e ativas, e o Espírito Santo que as inspirou consegue animar a passagem mais familiar e lhe injetar nova vida na alma.

Foi o que aconteceu comigo na Toscana há um ano, numa viagem maravilhosa que realizei com minhas filhas, Amanda e Melissa. Além da alegria egoísta de estar com as duas, minha esperança para essa viagem que vínhamos planejando havia séculos era recompensá-las. Elas não pediram pela mãe que receberam. No entanto, quando a mais velha estava com quatro anos e a mais nova com um, eu me ausentava, na prática, uma sexta-feira sim, outra não — em geral apenas por uma noite, e o pai delas assumia o controle. Algumas noites por mês talvez não pareça ser muito a princípio, mas nenhuma garotinha quer que a mamãe vá embora. Quarenta anos de ministério cobram um preço alto de uma família. Entretanto,

as três principais pessoas na minha vida — Keith, Amanda e Melissa — de algum modo conseguiram resistir à punição dolorosa do ressentimento efervescente. Não tenho como expressar o quanto sou abençoada, incrivelmente agradecida, e oro a Deus que lhes pague com recompensas eternas.

Contudo, já que não estamos no paraíso ainda, pensei que talvez ele não se importasse se eu me antecipasse e as abençoasse com algo temporal de que eu pudesse participar antes de estar velha demais para diferenciar uma filha da outra. Eu havia pensado em algo que, com quase toda a certeza, seria inútil no reino dos céus, a não ser por fortalecer a alma de três mulheres em serviço a Jesus ao lhes prover bom café, boa conversa e, se o riso é o melhor remédio (como a Bíblia afirma), risos suficientes para anestesiarem um batalhão. O Senhor não pareceu demonstrar objeções.

Eu estava determinada a pagar pelas três passagens de ida e volta à Itália com as milhas aéreas que havia acumulado, não apenas porque gosto de economizar, mas também pelo puro simbolismo de lhes retribuir por todas as vezes que eu havia embarcado num avião para sabe-se-lá-onde. Gastei quase todas as milhas guardadas, mas cada uma valeu a pena.

Sete horas mais tarde, aterrissamos em Florença, o famoso berço do Renascimento, onde acrescentamos trinta e poucos quilômetros de calos às solas de nossos pés antes de abanar um triste adeus ao *Davi* de Michelangelo. Quando apanhamos um voo de volta para os Estados Unidos, já havíamos passeado por Siena, visitado Nápoles, atravessado de carro a Costa de Amalfi e passado várias noites em Positano, o local fantástico que nos garantiram que seria o nosso favorito. Almoçamos num barco a motor, fomos de balsa até Capri e passamos as noites finais da viagem em Sorrento. A aventura com

certeza se provou uma viagem para ser recordada por toda a vida — tudo que três mulheres norte-americanas queriam que fosse, e ainda mais. No entanto, nenhuma dessas paradas foi o cenário de meu romance inesperado.

Minha perdição foi a região agrícola da Toscana. O local pertencia a outro mundo. Passamos três noites numa pousada a vinte minutos de Siena, a anos-luz de nossa vida em Houston, no Texas. A pousada havia sido construída numa encosta no quadrante superior de um vinhedo, com vista para outras montanhas que se estendiam como ondas sem crista até o horizonte. Ao me posicionar no meio dos jardins e olhar em toda a volta, em qualquer direção eu avistava videiras.

Não foi nossa sabedoria que fez com que a estadia na Toscana coincidisse com o fim da colheita, ou teríamos nos tornado insuportáveis de tanto orgulho. Em vez disso, essa foi uma dádiva incontroversa da graça a nós, neófitas — um presente inesperado de Deus embrulhado em fitas de cor verde, violeta, marrom e dourada. A única coisa que temos a dizer a nosso favor é que não desperdiçamos a dádiva.



QUANDO CHEGAR AO FIM DE
MINHA VIDA, QUERO SABER
QUE ELA TEVE *SIGNIFICADO*.



No caminho de táxi para a cidade em certa manhã da Toscana, serpenteando pelas montanhas ondulantes, vimos os últimos ceifeiros caminhando pelas fileiras — inspecionando as videiras e cortando os últimos cachos pesados da fruta. Fascinada, senti que assistia a uma reencenação de algumas das parábolas de Cristo (Mt 20—21). Não me esqueci de que, basicamente, uma de suas últimas exortações aos discípulos foi: “Produzam muitos frutos” (Jo 15.5-8).

A viagem era para ter sido apenas um passeio de férias para ver as paisagens, não uma expedição de estudo da Bíblia, mas não consegui me conter. Concluí que, se Jesus passou tanto tempo falando sobre videiras, quanto mais eu me aproximasse delas, mais teria a aprender. Para entender o que significa seguir Jesus, eu não poderia passar ao largo dessa questão e atribuí-la a um fenômeno cultural extinto, que desapareceu junto com os rituais de purificação e com o hábito de cobrir a cabeça. Eu precisava seguir esse puxão inegável no meu coração.

E foi aí que me apaixonei, com meu nariz pressionado contra a janela do táxi, minhas palmas contra o vidro, como alguém tentando escapar do carro de sequestradores. Esse foi o início de minha paixão pelas uvas. Foi Giuseppe Verdi quem disse a famosa frase: “Pode ficar com o universo, se deixar a Itália para mim”. Pois você, Giuseppe, pode ficar com a Itália, se deixar para mim suas videiras.

A imagem do vinhedo tem me consumido desde aquela viagem, instigando uma busca da capa à contracapa das santas páginas, em estantes de comentários bíblicos e dicionários. Levou-me a horas de entrevistas com especialistas sobre tudo, desde o plantio de videiras ao processamento das uvas em vinhos, e a uma pilha, que chega quase até o teto, de livros sobre os mesmos assuntos. A cada elemento da pesquisa, meu

fascínio pela imagem da videira e do ramo cresceu. Deus colocou a canção do vinhedo em meu fonógrafo, ajustou a agulha para vinil, aumentou o volume e me pôs a dançar.

Talvez você conheça a parábola: às vezes você encontra um tesouro escondido e, com alegria irrefreável, economiza, volta lá e compra todo o campo (Mt 13.44). Encontrei um cacho de uvas numa videira suntuosa e não consegui me deter até ter escavado o campo.

E não quero guardar o tesouro que descobri na Itália só para mim. Quero compartilhá-lo com você. Há um táxi aguardando com um assento vago. Vou deslizar mais para o canto para que você possa se sentar ao meu lado, e, se estiver disposto a investir seu coração nisso, talvez se apaixone também.

+ + +

No poema “O dia de verão”, Mary Oliver faz uma pergunta inesquecível que vale bem a pena ponderar:

Diga-me, o que você planeja fazer
com sua vida única, selvagem e preciosa?

Essa sua vida selvagem e preciosa é relevante — para Deus e para o mundo. Nem uma gota dela é desperdiçada.

Seu trabalho é relevante.
Seus dons são relevantes.
Suas lágrimas são relevantes.
Seu sofrimento é relevante.
Suas alegrias são relevantes.
Suas esperanças são relevantes.
Seus sonhos são relevantes.

Seus sucessos são relevantes.
Seus fracassos são relevantes.
Seus relacionamentos são relevantes.
Suas lembranças são relevantes.
Sua infância é relevante.
Seu passado é relevante.
Seu futuro é relevante.
Seu presente é relevante.

Deus faz uso de tudo isso. Das mãos do Vinicultor, nada cai. Tudo é importante.

Deus quer que você floresça nele. Tudo que ele plantar em sua vida tem esse propósito. Se nos entregarmos por completo a seus caminhos fiéis, por mais misteriosos e doloridos que sejam às vezes, descobriremos que tudo faz parte do processo que nos permite crescer e gerar frutos. Aquelas videiras da Toscana nem se compararão conosco.

Assim, deparamos com uma encruzilhada. Se reunirmos coragem suficiente para acreditar que fomos criados por Deus para florescer em Cristo, teremos uma escolha a fazer. Vamos nos sentar de braços cruzados e permanecer à espera de que isso aconteça, como se nossa cooperação não fosse parte do processo? Ou vamos partir, de passos leves e com o coração ardente, em busca desse chamado ao florescimento?

Em meio a toda a busca pelas videiras que temos adiante nestas páginas, aqui está a melhor parte: creio que vamos descobrir que, o tempo todo, a própria Videira vem nos buscando. “Tua bondade e teu amor correm atrás de mim todos os dias da minha vida” (Sl 23.6, MSG).

As uvas estão maduras. O vinhedo aguarda. Venha, junte-se a mim nessa busca.

PARTE I

O vinhedo

O SENHOR Deus plantou um jardim.

GÊNESIS 2.8

1

Planta

Oito anos atrás, numa crise de angústia urbana, Keith e eu juntamos nossas trouxas e nos mudamos para o campo. Eu tinha dito que nunca deixaria a casa na cidade. Jurara que ele teria de enterrar meu corpo frio e rígido no quintal, onde os ossos de nossos animais de estimação descansavam com a paz que nossos novos filhotes lhes permitiam. Naquela casa eu havia criado duas filhas. Elas haviam percorrido aquela calçada de um lado a outro em triciclos, e depois em bicicletas. Também haviam partido dali, com os carros lotados de malas, toalhas e colchas novas, quando foram embora para a faculdade.

No entanto, centímetro a centímetro, a cidade tentava nos sufocar. Cada canto onde havíamos passeado com os cães, nos dado as mãos depois das brigas e limpado nossos pulmões estufados de ar fedorento havia sido enterrado de forma estratégica sob concreto. Quando a quarta unidade de armazenamento foi construída num raio de quatro quarteirões, já estávamos subindo pelas paredes.

Levamos os pais de Keith conosco. Eles moravam a um minuto de nossa porta da frente e haviam se mudado para nosso bairro para que pudéssemos cuidar deles e dividir com eles nossa vida. Não poderíamos nos mudar sem eles, e não fazíamos ideia se eles possuíam a energia — emocional ou física — de

se deslocar e fincar novas raízes. Decidimos apresentar a pergunta mais tarde naquela semana, enquanto comíamos salada com tortilhas na casa em que moravam. “É isso que temos em mente. Vocês nos ajudariam a encontrar um trecho de mata e ir com...?” Eles já estavam dentro do carro antes de nós.

Essa mudança alterou muito em nossa vida. Nosso ritmo de vida desacelerou, trocamos o som do trânsito pelo coro noturno de sapos e grilos, e meu trajeto para o trabalho passou de vias expressas para estradas de duas faixas, só algumas delas asfaltadas. Contudo, talvez a transformação mais surreal tenha resultado do lote de terra que escavamos para criar nossa própria horta.

Uma vez que você passa tempo cavando em seu próprio cantinho de terra e saboreando o fruto de seu trabalho, é difícil voltar a comer um tomate da mesma maneira.

E uma vez que Deus é o supremo Lavrador, tenho de acreditar que ele se sente da mesma forma.

+ + +

“No princípio.”

A criação despertou o lado terreno do céu. No terceiro dia, Deus criou o solo e viu que isso era bom. À luz de sua sabedoria plena, talvez devêssemos ser mais presbiterianos sobre a questão e dizer que ele gostava do solo, por isso o criou. É uma pobre alma aquela que confunde o solo com a sujeira, ou a terra com a poeira.

O solo cobre essa pedra giratória que chamamos de planeta Terra com uma fina epiderme — esburacada, porosa e sedenta. O solo acomoda as formigas tanto com montes como com buracos. Registra a passagem de cada criatura a pé, seja lagarto ou leopardo, com pelo menos uma pegada passageira. O solo sob as unhas de um elefante talvez termine como